



**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

**AS CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
E A COMPETÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO
HUMANO 2**



**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE
(ORGANIZADORA)**

**AS CIÊNCIAS
SOCIAIS APLICADAS
E A COMPETÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO
HUMANO 2**

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 As ciências sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-37-9

DOI 10.22533/at.ed.379200903

1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book as “*Ciências Sociais Aplicadas e a Competência do Desenvolvimento Humano*” através de 2 volumes em que estão dispostos 51 artigos.

No primeiro volume estão disponíveis 29 artigos divididos em duas seções. A primeira seção ***Estado e Políticas Públicas*** apresenta artigos com temas relacionados às funções e formas de atuação do Estado diante das previsões legais e demandas voltadas para o atendimento a situações de vulnerabilidade e risco sociais expressas através dos conflitos e desigualdades que permeiam a sociedade contemporânea, o que vem sendo materializado através das diversas políticas públicas implementadas.

São contemplados também no primeiro volume através da seção ***Desenvolvimento Local Sustentável*** a relação com a política agroambiental, agricultura familiar, questões de gênero e aspectos culturais.

O segundo volume do e-book contempla 22 artigos organizados através de três seções, sendo: ***Política Econômica e Gestão Financeira***, em que são apresentados estudos principalmente relacionados a questão contábil e gestão financeira em âmbito familiar, no entanto, não deixa de apontar a relação com a política econômica, o que é tratado de forma mais ampliada através do primeiro artigo da seção voltado para o estudo do pagamento da dívida externa brasileira entre o deficit e o superavit.

Os artigos que se relacionam com a ***Cultura Organizacional*** contemplam estudos voltados para a compreensão e análise das características do mercado brasileiro, desafios e potencialidades expressas através da presença da inovação tecnológica, desenvolvimento de competências gerenciais, processos de comunicação e capital intelectual.

O e-book é encerrado com a seção ***Ensino e Pesquisa***, em que são apresentados oito artigos que abordam metodologias de pesquisa e de ensino e o uso de métodos e referenciais teóricos que contribuem para os processos de formação e desenvolvimento da ciência no Brasil.

Boa leitura a todos!

Dra. Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

POLÍTICA ECONÔMICA E GESTÃO FINANCEIRA

CAPÍTULO 1 1

A CONTA DE TRANSAÇÕES CORRENTES DO BALANÇO DE PAGAMENTOS DO BRASIL (1995-2014): ENTRE *DEFICIT E SUPERAVIT*

André de Souza do Nascimento

João Paulo Lacerda Gonçalves de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.3792009031

CAPÍTULO 2 15

A CONTABILIDADE ENQUANTO UMA INSTITUIÇÃO MODERNA: REFLEXÕES E APONTAMENTOS SOBRE SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Rosaly Machado

Fabio Vizeu Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.3792009032

CAPÍTULO 3 39

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: RELAÇÕES COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS

Ani Caroline Grigion Potrich

Kelmara Mendes Vieira

Samia Mercado Alvarenga

DOI 10.22533/at.ed.3792009033

CAPÍTULO 4 59

DESCONTROLE FINANCEIRO FAMILIAR NA SEDE DO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE-RR

Antonia Honorata da Silva

Maria Graciete Sousa Farias

Maria Conceição Vieira Sampaio

Marilene Kreutz de Oliveira

Hevelyn Thais Luiz Pereira

DOI 10.22533/at.ed.3792009034

CULTURA ORGANIZACIONAL

CAPÍTULO 5 68

CULTURA ORGANIZACIONAL COMO ELEMENTO ESTRATÉGICO PARA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: ESTUDOS COMPARATIVOS EMPRESARIAIS

Eliane Regina Rodrigues Message

DOI 10.22533/at.ed.3792009035

CAPÍTULO 6 87

DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS PARA SUPERAÇÃO DOS DESAFIOS DO SÉCULO 21

Francisco Ariclene Oliveira

Guilherme Irffi

Luciano Lima Correia

Liu Man Ying

Ana Cristina Lindsay

Márcia Maria Tavares Machado
DOI 10.22533/at.ed.3792009036

CAPÍTULO 7 100

DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS GERENCIAIS: UMA PROPOSTA BASEADA NA APRENDIZAGEM VIVENCIAL NO ESCOPO DA GESTÃO POR COMPETÊNCIAS EM IFES

Michelle de Andrade Souza Diniz Salles
Beatriz Quiroz Villardi

DOI 10.22533/at.ed.3792009037

CAPÍTULO 8 124

DETERMINANTES DO P/B DAS EMPRESAS LISTADAS NA B3

Amauri de Oliveira Barros
Ricardo Goulart Serra

DOI 10.22533/at.ed.3792009038

CAPÍTULO 9 142

O IMPACTO DA EDUCAÇÃO CORPORATIVA NO ÂMBITO SOCIAL DO COLABORADOR

Ingridy Jully Jesus
Michel Faleiro Araújo
Heloísa Landim Gomes
Cristiane Francisco Brasil
Pedro Henrique Gonçalves Mendes
André Luiz Marques Gomes

DOI 10.22533/at.ed.3792009039

CAPÍTULO 10 155

EFEITO MANADA OU EFEITO HETEROGENEIDADE? EVIDÊNCIAS PARA O MERCADO BRASILEIRO

Vinicius Mothé Maia
Antonio Carlos Figueiredo Pinto
Marcelo Cabús Klotzle
Paulo Vitor Jordão da Gama Silva

DOI 10.22533/at.ed.37920090310

CAPÍTULO 11 177

PROCESSO DECISÓRIO ESTRATÉGICO: PROPOSTA DE DIMENSÕES DE ANÁLISE

Claudinete de Fátima Silva Oliveira Santos
Carla Regina Pasa Gómez
Sílvio Luiz de Paula

DOI 10.22533/at.ed.37920090311

CAPÍTULO 12 193

A GESTÃO INTERNACIONAL DA TERCEIRA LINGUAGEM, SUAS APLICAÇÕES E IMPLICAÇÕES: UM DIAGNÓSTICO DA COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA TRANSCULTURAL DAS EMPRESAS BRASILEIRAS INTERNACIONALIZADAS

Renato Rodrigues Martins

DOI 10.22533/at.ed.37920090312

CAPÍTULO 13 204

GESTÃO DO CAPITAL INTELECTUAL

Adelcio Machado dos Santos
Alexandre Carvalho Acosta

CAPÍTULO 14 218

ÍNDICE DE QUALIDADE DE AUDITORIA: TEMPO DE RELACIONAMENTO AUDITOR-CLIENTE, QUALIDADE DA INFORMAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA FIRMA DE AUDITORIA

[Naiara Leite dos Santos Sant'Ana](#)

[Antônio Artur de Souza](#)

[Paulo Celso Pires Sant' Ana](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090314

ENSINO E PESQUISA

CAPÍTULO 15 239

A PRESENÇA DA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU NO BRASIL: UMA ANÁLISE DA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE 2006 A 2016

[Ronier Renato Funez](#)

[Clovis Schmitt Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090315

CAPÍTULO 16 250

CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE ESCALA DE ATITUDES EM RELAÇÃO AO COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO: ESTUDO COM PROFESSORES PESQUISADORES

[Elisabeth Aparecida Corrêa Menezes](#)

[Julio Eduardo da Silva Menezes](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090316

CAPÍTULO 17 271

O PERFIL DOS USUÁRIOS DA BIBLIOTECA DO SENAI CHAPECÓ A PARTIR DO MAPA DE EMPATIA

[Karine Spadotto](#)

[Jéssica Bedin](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090317

CAPÍTULO 18 290

E-QUIPU: UMA PROPOSTA DE PROMOÇÃO DA INOVAÇÃO DA UNIVERSIDADE

[Eduardo Ismodes-Cascón](#)

[Jesús Carpio-Ojeda](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090318

CAPÍTULO 19 304

FATORES DE DECISÃO DE CARREIRA DURANTE A GRADUAÇÃO

[Edna Torres de Araújo](#)

[Marcia Athayde Moreira](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090319

CAPÍTULO 20 323

DESENVOLVIMENTO E CONSTRUÇÃO DE ESCALAS DE MENSURAÇÃO NA ÁREA DE ADMINISTRAÇÃO

[Eric David Cohen](#)

DOI 10.22533/at.ed.37920090320

CAPÍTULO 21	346
PERSPECTIVA NEURO-IS: ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA ADOÇÃO DE NEUROCIÊNCIAS EM ESTUDOS DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2010 A 2016	
Mauri Leodir Löbler	
Rafaela Dutra Tagliapietra	
Eliete dos Reis Lehnhart	
Carolina Schneider Bender	
DOI 10.22533/at.ed.37920090321	
CAPÍTULO 22	359
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: UM OLHAR PARA OS CURSOS DE PEDAGOGIA DE MATO GROSSO DO SUL	
Jakellinny Gonçalves de Souza Rizzo	
Eugenia Portela de Siqueira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.37920090322	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	370
ÍNDICE REMISSIVO	371

ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: RELAÇÕES COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS

Data de aceite: 20/02/2020

Data da submissão 18/12/2019

Ani Caroline Grigion Potrich

Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de Ciências da Administração.

Florianópolis – Santa Catarina

<http://lattes.cnpq.br/7790743591539041>

Kelmara Mendes Vieira

Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria.

Departamento de Ciências Administrativas

Santa Maria – Rio Grande do Sul

<http://lattes.cnpq.br/4786960732238120>

Samia Mercado Alvarenga

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Economia

Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional

Universidade Federal de Minas Gerais

<http://lattes.cnpq.br/2794869173480554>

RESUMO: O objetivo do presente estudo consiste em levantar as relações da alfabetização financeira com as variáveis socioeconômicas e demográficas, pois, segundo evidências os níveis de alfabetização financeira

se apresentam de forma distinta variando conforme as especificidades da sociedade e a caracterização do perfil dos indivíduos que a compõe. A relevância desse estudo reside no fato do analfabetismo financeiro ainda ser crescente entre a população mundial exigindo estratégias diferenciadas para sua mitigação. No intuito de fornecer subsídios teóricos para a formulação políticas que auxiliem na redução do analfabetismo financeiro, este estudo faz uso de uma ampla revisão de literatura a fim de que se entenda a importância e os possíveis impactos da adoção de estratégias nacionais de alfabetização financeira. Os principais resultados sugerem que, apesar da complexidade do fenômeno e de algumas divergências empíricas, para a maior parte das variáveis, os achados de pesquisas realizadas em diferentes regiões e com diferentes grupos, convergem. Tais resultados tornam-se importantes para o desenvolvimento de políticas públicas e de outros agentes interessados no tema, uma vez que maiores níveis de alfabetização financeira contribuem para um controle mais eficiente das receitas pessoais proporcionando a maximização do bem-estar individual e auxiliando na estabilidade macroeconômica dos países. Assim, evidencia-se o importante papel das variáveis socioeconômicas e demográficas

na elaboração de políticas voltadas para o contexto da alfabetização financeira.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização financeira. Variáveis socioeconômicas. Variáveis demográficas.

FINANCIAL LITERACY: RELATIONS WITH SOCIO-ECONOMIC AND DEMOGRAPHIC VARIABLES

ABSTRACT: The objective of the present study is to raise the relations of financial literacy with the socioeconomic and demographic variables, since, according to evidences, the levels of financial literacy present themselves differently varying according to the specificities of the society and the characterization of the profile of the individuals that compose it . The relevance of this study lies in the fact that financial illiteracy is still growing among the world population, requiring different mitigation strategies. In order to provide theoretical inputs for the formulation of policies that help reduce financial illiteracy, this study makes use of a broad literature review to understand the importance and possible impacts of adopting national financial literacy strategies. The main results suggest that, despite the complexity of the phenomenon and some empirical divergences, for most variables, the findings of research carried out in different regions and with different groups, converge. Such results become important for the development of public policies and other agents interested in the subject, since higher levels of financial literacy contribute to a more efficient control of personal income, maximizing individual well-being and helping macroeconomic stability countries. Thus, we highlight the important role of socioeconomic and demographic variables in the elaboration of policies aimed at the context of financial literacy.

KEYWORDS: Financial Literacy. Socioeconomic variables. Demographic variables.

1 | INTRODUÇÃO

A complexidade dos produtos financeiros, serviços e sistemas atualmente disponíveis, bem como o cenário mundial de crise econômica, faz com que a alfabetização financeira ganhe importância como uma competência intelectual crítica no século 21. Segundo Huston (2010), a alfabetização financeira combina consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento necessários para a tomada de decisões financeiras acertadas. Dessa forma, seu aprimoramento é imprescindível para garantir a plena participação dos indivíduos na sociedade (OECD, 2015c).

Apesar de sua relevância, estudos apontam para um analfabetismo financeiro em grande parte da população global (Lusardi & Mitchell, 2011; Atkinson & Messy, 2012; Brown & Graf, 2013; Thaler, 2013; WORLD BANK, 2014; OECD, 2015a; Messy & Monticone, 2016). Os baixos níveis de alfabetização financeira são

preocupantes à medida que danificam a capacidade de acumular riqueza, tornando estes indivíduos mais propensos a assumir dívidas, o que além de comprometer o bem-estar individual, afeta em última instância o equilíbrio macroeconômico dos países.

À medida que maiores níveis de alfabetização financeira possibilitam um controle mais eficiente sobre as receitas pessoais (Opletalová, 2015) concorrem tanto para maximizar o bem-estar individual quanto para apoiar o crescimento de qualquer economia (Conger *et al.*, 1990; Allen *et al.*, 2007; Messy & Monticone, 2016). Diante disso, é crescente a preocupação dos governantes de países desenvolvidos e emergentes com o grau de alfabetização financeira dos seus cidadãos, já que, frente a contextos econômicos difíceis, ela torna-se um elemento chave de estabilidade (Gerardi, Goette & Meier, 2010).

Entretanto, desenvolver estratégias nacionais para a ampliação dos níveis de Alfabetização Financeira da população poderá ser ineficaz se tais estratégias não levarem em consideração o fato de que diferentes níveis de alfabetização financeira estão associados a variáveis socioeconômicas, demográficas (Chen & Volpe, 1998; Lusardi & Tufano, 2009; Monticone, 2010; Bottazzi, Jappelli & Padula, 2011; Lusardi & Mitchell, 2011; Atkinson & Messy, 2012; Brown & Graf, 2013; Gerrans & Heaney, 2014; Sarigül, 2014; Bucher-Koenen *et al.*, 2014; Salleh, 2015; Grohmann, Kouwenberg & Menkhoff, 2015; Messy & Monticone, 2016), cognitivas e psicológicas (Prochaska-Cue, 1993; Alsemgeest, 2015).

Especialmente quando nas variáveis socioeconômicas e demográficas existem grandes diferenças fazendo da alfabetização financeira um fenômeno complexo, multifacetado, que se apresenta de maneira distinta em diferentes núcleos sociais e econômicos. Portanto, este estudo busca, a partir de uma ampla revisão de literatura, apontar as evidências do impacto das variáveis socioeconômicas e demográficas na Alfabetização Financeira.

A compreensão do papel das variáveis de tais variáveis é útil para o desenvolvimento de estratégias de alfabetização diferenciadas para cada grupo com base nas especificidades da sociedade e na caracterização do perfil dos indivíduos que a compõe. A partir disso, pode-se repensar a adoção de estratégias nacionais de alfabetização financeira e ampliar seu alcance direcionando ações para os grupos mais vulneráveis, além de contribuir para que os agentes financeiros desenvolvam produtos adequados aos diferentes perfis de clientes.

2 | ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA: CONCEITOS E MEDIDAS

Um dos primeiros desafios para a adoção de estratégias nacionais de Alfabetização Financeira é determinar o seu conceito e as formas a serem utilizadas

para a avaliação dos seus níveis nos diferentes grupos populacionais. O próprio termo alfabetização financeira, em inglês intitulado *financial literacy*, não possui na literatura uma definição única e simples. É considerado um tema complexo por englobar desde o entendimento de conceitos financeiros chaves, passando pela habilidade e confiança para administrar de forma apropriada às finanças pessoais até chegar a um comportamento eficiente, balizado em decisões de curto prazo e planejamento financeiro de longo prazo, que possibilitem a manutenção financeira em meio a qualquer evento relacionado à vida e às mudanças de condições econômicas (Remund, 2010).

Neste contexto, destaca-se que a alfabetização financeira é frequentemente utilizada como sinônimo de educação financeira ou conhecimento financeiro. No entanto, não há consenso de que esses dois construtos possam ser conceitualmente utilizados como sinônimos, isso porque a alfabetização financeira vai além da educação financeira dos indivíduos. Hung, Parker e Yoong (2011), definem a educação financeira como sendo o processo pelo qual as pessoas melhoram sua compreensão em relação aos produtos e serviços financeiros, diferentemente do conceito da alfabetização financeira, definida pelos autores como sendo a capacidade de usar este conhecimento e as habilidades adquiridas para gerir de forma eficaz os recursos, proporcionando um bem-estar financeiro aos indivíduos.

Embora existam várias definições para a alfabetização financeira, destaca-se a representatividade das três dimensões desenvolvidas pela *Organisation for Economic Co-Operation and Development* (OECD) que trata a alfabetização financeira como o conhecimento e a compreensão de conceitos e riscos financeiros; habilidades, motivação e confiança para aplicar esse conhecimento; e a compreensão, a fim de tomar decisões eficazes em uma variedade de contextos de modo que o bem-estar financeiro dos indivíduos e da sociedade seja maximizado (OECD, 2015b).

A dimensão do conhecimento financeiro ou educação financeira pode ser definida como um tipo particular de capital humano que se adquire ao longo da vida relacionado à habilidade para gerir receitas, despesas e poupança de forma eficaz (Delavande; Rohwedder; Willis, 2008). Em outras palavras, o conhecimento financeiro pode ser entendido como a capacidade de um indivíduo compreender as informações financeiras vinculadas às transações operacionais (Huston, 2010) a partir de uma visão sistêmica de todas as decisões de crédito, poupança, investimento e consumo, compatíveis com a sua realidade financeira.

Vale ressaltar que ter conhecimento financeiro ou ser educado financeiramente não torna os indivíduos capazes de garantir uma gestão eficaz dos recursos monetários, pois, há a influência da atitude financeira (Norvilitis; Maclean, 2010; Xiao *et al.*, 2011), definida por Shockey (2002) como a combinação de conceitos, informações e emoções sobre a aprendizagem que resulta em uma predisposição

a reagir favoravelmente em relação às decisões financeiras. Todavia, não basta apenas ter conhecimentos e atitudes financeiras para estabilizar-se financeiramente. Além da aprendizagem dos conceitos e a pré-disposição para agir, é indispensável o reconhecimento de sua situação financeira. De acordo com Pietras (2014), ao unir tais dimensões, o indivíduo conseguirá operar suas despesas, ganhos e investimentos, identificando as oportunidades e respeitando suas características e suas potencialidades.

Perante isso, o comportamento financeiro é revelado como a última dimensão da alfabetização financeira, o qual segundo a OECD (2013a) é um elemento essencial dentre os três, pois, concretiza o equilíbrio ou o desequilíbrio financeiro. Logo, ter um comportamento financeiro adequado requer no mínimo cinco requisitos: honrar com as despesas mensais, ter as finanças sob controle, planejar o futuro, fazer escolhas assertivas de produtos financeiros e manter-se atualizado das questões financeiras (Mundy, 2009).

Além das divergências conceituais, outro grande desafio para a realização de pesquisas sobre alfabetização financeira é a dificuldade em determinar a melhor forma de mensurá-la (Hung; Parker; Young, 2009; Huston, 2010; Remund, 2010; Lusardi; Mitchell, 2014). De acordo com Schmeiser e Seligman (2013), as questões atualmente usuais não foram rigorosamente testadas a ponto de garantir precisão. Miller *et al.* (2014) observaram que poucos estudos são rigorosos no método e sofrem deficiências, nomeadamente viés de seleção. Lusardi e Mitchell (2011) comentam que embora seja importante avaliar como as pessoas são financeiramente alfabetizadas, na prática, se torna difícil explorar a forma como as informações financeiras são processadas.

No entanto, algumas diretrizes podem ser encontradas na literatura, tais como a OECD, a qual orienta que a correta mensuração da alfabetização financeira deveria basear-se em uma gama de conhecimentos e habilidades associadas com o desenvolvimento da capacidade de lidar com as exigências financeiras da vida cotidiana em uma sociedade contemporânea (OECD, 2013a). Complementarmente, Huston (2010) acrescenta que seria importante determinar não apenas se a pessoa tem a informação, mas também se ela sabe como aplicá-la de forma apropriada. Em contrapartida, sabe-se que a maioria das pesquisas sobre alfabetização financeira acaba por incidir sobre as dimensões cognitivas do construto e dependem de uma medida de teste, ou seja, buscam saber o que as pessoas sabem ou entendem sobre conceitos financeiros (Allgood; Walstad, 2016), em outras palavras, detêm-se a mensurar apenas a dimensão do conhecimento financeiro.

Ademais, a falta de uma medida e de dados internacionais levou a OECD e a sua INFE a desenvolver um instrumento de pesquisa que pode ser usado para capturar a alfabetização financeira de pessoas em diversos países. O questionário

da OECD centra-se sobre os aspectos do conhecimento financeiro, da atitude financeira e do comportamento financeiro que estão associados com os conceitos globais de alfabetização financeira (OECD, 2013b).

O nível de conhecimento financeiro no instrumento da OECD é medido através de oito perguntas visando à compreensão de cálculos de juros, a relação entre inflação e retorno, a inflação e os preços, o risco e o retorno, bem como o papel da diversificação na redução do risco. A pontuação da escala varia de um a oito, sendo atribuído peso um para cada acerto, onde valores superiores a seis correspondem a indivíduos altamente experientes para lidar com os desafios em questões financeiras pessoais. Pontuações entre quatro e cinco são considerados com conhecimento financeiro moderado e com valores menores que três são considerados com conhecimento financeiro baixo (OECD, 2013b).

A dimensão do comportamento financeiro proposta pela OECD busca refletir a maneira como os indivíduos lidam com o dinheiro em suas vidas. Um total de oito questões é utilizado para capturar os aspectos importantes sobre o manuseio das finanças pessoais do entrevistado. A escala de comportamento financeiro varia de zero a nove pontos, pois uma das questões acerca da escolha de produtos possui pontuação máxima de dois e as demais questões da escala de um ponto. Assim, os entrevistados que pontuarem entre seis e oito são classificados como possuidores de um comportamento positivo em relação ao dinheiro e às finanças. Os classificados entre três e cinco pontos como neutros e com menos de três pontos são considerados portadores de um comportamento financeiro negativo (OECD, 2013b).

Para medir a atitude financeira, a escala baseia-se na compreensão das atitudes dos entrevistados para dois aspectos inter-relacionados, o planejamento e o consumo financeiro os quais são medidos através de três questões que relacionam a extensão da crença no planejamento, a propensão a poupar e a propensão a consumir. A escala de atitude financeira varia de zero a cinco, sendo obtida através da média das três respostas em que cada acerto corresponde a cinco pontos. Com isso, indivíduos que apresentam valores superiores a três são considerados com atitude positiva (OECD, 2013b).

Com isso, a escala proposta pela OECD para mensurar a alfabetização financeira é composta por dezenove questões e é obtida pela soma dos escores das três dimensões: conhecimento financeiro, comportamento financeiro e atitude financeira. De posse deste, vários estão realizando inquéritos nacionais de alfabetização financeira em toda a sua população adulta. No entanto, existem alguns esforços na busca por dados sobre os níveis de alfabetização financeira entre os jovens com idade inferior a 18 anos. Com isso, um recente estudo mundial, organizado pela OECD, denominado *Programme for International Student Assessment (PISA)*,

traduzido para o português como Programa Internacional de Avaliação de Alunos, se propôs a medir o quão bem os alunos, aos 15 anos, estão preparados para enfrentar os desafios que podem encontrar na vida futura. O PISA 2012 tornou-se o primeiro estudo internacional em grande escala para avaliar a alfabetização financeira dos jovens, considerado como o primeiro passo na construção da avaliação da alfabetização financeira no âmbito internacional (OECD, 2015b).

No que tange ao instrumento para mensuração da alfabetização financeira, o PISA 2012 aborda quatro áreas: dinheiro e transações, planejamento e gestão financeira, risco e recompensa, e por fim, o panorama financeiro. O questionário foi formado por 40 questões que foram utilizadas na avaliação da alfabetização financeira por meio de dois tipos de questões (itens de resposta construída - exige que os alunos gerem suas próprias respostas; e itens de resposta selecionada - exige que os alunos escolham uma ou mais alternativas de um determinado conjunto de opções) e de três dimensões (conteúdo, processos e contextos).

Assim, a dimensão do conteúdo do PISA 2012 compreende as áreas do conhecimento que são essenciais para a alfabetização financeira. Além disso, para avaliação do nível dos alunos, o PISA 2012 desenvolveu uma escala, a qual é destaca por Lusardi (2015b) como a relação entre a dificuldade de perguntas e a proficiência dos alunos, sendo elaborada em uma única escala contínua e dividida em cinco níveis. O nível 5 indica alta proficiência e o nível 1 indica baixa proficiência (estudantes neste nível são considerados não alfabetizados financeiramente), sendo o nível 2 o nível médio de proficiência internacional detectado pelo estudo. Os alunos em cada nível são avaliados como proficientes do nível anterior.

Além da OECD e de outras organizações internacionais, pesquisadores ao redor do mundo também têm desenvolvido modelos para mensurar a alfabetização financeira. No contexto brasileiro, Matta (2007) desenvolveu uma escala, composta por vinte questões, que avalia o comportamento financeiro dos indivíduos, no que tange à gestão financeira, o crédito pessoal, o consumo, o investimento e a poupança. Outro exemplo é a pesquisa desenvolvida por Potrich, Vieira e Kirch (2016) ao criarem um indicador denominado Termômetro de Alfabetização Financeira, o qual possibilita classificar os indivíduos com alto ou baixo nível de alfabetização financeira, utilizando três questões do tipo *Likert* de cinco pontos para medir a atitude financeira e cinco de comportamento financeiro, além de treze questões de múltipla escolha para mensurar o conhecimento financeiro.

Assim como os conceitos, os instrumentos também dimensionam de forma mais preponderante o conhecimento financeiro. Nota-se que poucos estudos propõem escalas com duas ou mais dimensões para mensurar a alfabetização financeira. Além disso, os aspectos que estão sendo mais investigados são as taxas de juros, a inflação, a diversificação de risco, poupanças, empréstimos, consumos

e gastos. Em contrapartida, autores como Marcolin e Abraham (2006) sugerem estudos combinados com características demográficas e destacam a possibilidade de alguns aspectos da alfabetização financeira serem mais ou menos significantes para determinar o bom ou mau comportamento financeiro.

2.1 Relação das variáveis socioeconômicas e demográficas com a alfabetização financeira

Muitas pesquisas têm comprovado relações das variáveis socioeconômicas e demográficas nos níveis de alfabetização financeira dos indivíduos (Chen; Volpe, 1998; Agarwal *et al.*, 2009; Monticone, 2010; Finke; Howe; Huston, 2011; Atkinson; Messy, 2012; Mottola, 2013; Scheresberg, 2013; Sarigül, 2014; Clark; Lusardi; Mitchell, 2015; Messy, Monticone, 2016). Isso significa que há evidências de um comportamento distinto entre os pesquisados, no que tange ao gênero, idade, estado civil, ser estudante, possuir dependentes, ocupação, nível de escolaridade, nível de escolaridade dos pais, faixa de renda média mensal própria e faixa de renda média mensal familiar, e quais as circunstâncias que os tornam mais alfabetizados financeiramente. Assim apresenta-se a seguir as evidências encontradas na literatura para a relação da Alfabetização Financeira com cada uma dessas variáveis.

2.1.1 Gênero

Na literatura que trata da relação da alfabetização financeira com as diferenças de gênero, diversos autores identificam que as mulheres apresentam menores índices de alfabetização financeira quando comparadas aos homens (Chen; Volpe, 1998; Agarwal *et al.*, 2009; Lusardi; Mitchell, 2011; Mottola, 2013; Scheresberg, 2013; Sarigül, 2014; Bucher-Koenen *et al.*, 2014; Lusardi, 2015a; Messy, Monticone, 2016). Um fator preocupante, de acordo com Agnew e Harrison (2015), é que as razões para estas diferenças não são examinadas com rigor.

Lusardi e Mitchell (2011) constataram que as mulheres são significativamente menos propensas a responder corretamente perguntas sobre finanças e mais propensas a dizer que não sabem a resposta. Este fato é notavelmente semelhante em países financeiramente diferentes como a Austrália, a França e a Romênia (Lusardi; Wallace, 2013). Estudos realizados por Chen e Volpe (1998) ampliam as evidências de que as mulheres apresentam maior dificuldade em realizar cálculos financeiros e menor nível de conhecimento, acabando por dificultar a habilidade de tomada de decisões financeiras responsáveis. Lusardi e Tufano (2009), investigando especificamente o nível de educação financeira, verificaram que tanto mulheres jovens (idade inferior a 30 anos), quanto idosas (idade superior a 65 anos), possuem menores níveis de alfabetização financeira se comparadas aos homens.

Lusardi e Mitchell (2014) destacam que não são apenas os homens mais velhos, que geralmente são financeiramente mais experientes do que as mulheres mais velhas, estas diferenças também são semelhantes entre os entrevistados mais jovens. Segundo os autores, além das mulheres serem menos propensas a responder as questões de alfabetização financeira corretamente do que os homens, elas também são muito mais propensas a dizer que ‘não sabem’ a resposta de uma pergunta. Esse panorama foi encontrado na Suécia (Almenberg; Salvar-Soderbergh, 2011), Nova Zelândia (Crossan; Feslier; Burnard, 2011), Itália (Fornero; Monticone, 2011), Japão (Sekita, 2011), Austrália (Agnew; Bateman; Thorp, 2013), França (Arrondel; Debbich; Savignac, 2013) e Suíça (Brown; Graf, 2013). Mahdavi e Horton (2014) detectaram que mesmo as mulheres bem-educadas não são financeiramente alfabetizadas,

Tais resultados implicam que as mulheres se alfabetizam financeiramente de forma diferente ou possuem diferentes oportunidades de aprendizagem do que os homens. Debate este longe de ser concluído (Mahdavi; Horton, 2014). Entre as justificativas encontradas para índices de alfabetização inferiores entre as mulheres, salienta-se a maneira como meninos e meninas crescem, sendo expostos a diferentes oportunidades de aprendizagem e aperfeiçoamento das suas competências (OECD, 2013c). De acordo com Charles e Grusky (2004), as desigualdades de gênero também são criadas em função da segregação ocupacional. Onde as mulheres acabam predominantemente empregadas em áreas onde possuem menos oportunidades para expressar seu potencial e desenvolver suas habilidades, muitas vezes à custa de salários mais baixos.

Detecta-se que as diferenças encontradas no gênero podem ser também resultado da socialização dos indivíduos. Nessa perspectiva a diferença significativa entre homens e mulheres é explicada pela tendência dos homens de ver o dinheiro como poder e acreditar que tê-lo torna-os socialmente mais desejáveis, enquanto as mulheres parecem ter uma abordagem mais passiva em relação ao dinheiro (Calamato, 2010). A tomada de consciência de sua própria falta de conhecimento pode tornar as mulheres alvos ideais para programas de educação financeira especialmente porque nas famílias em que as mulheres participam das decisões financeiras há um aumento maior do percentual da renda familiar (Swamy, 2014).

2.1.2 Idade

As principais pesquisas que tratam da relação entre a idade e a alfabetização financeira relatam que esta tende a ser maior entre os adultos no meio de seu ciclo de vida e, geralmente, é menor entre os jovens e os idosos, apresentando-se em forma de U invertido (Research, 2003; Agarwal *et al.*, 2009; Atkinson; Messy, 2012;

Scheresberg, 2013; Lusardi; Mitchell, 2014; Bucher-Koenen *et al.*, 2014). Bucher-Koenen *et al.* (2014) perceberam que o ciclo de vida intermediário é o que apresenta o maior número de acertos. Lusardi (2015a) e Lusardi e Mitchell (2014) confirmam que a alfabetização financeira é, de fato, mais baixa entre os jovens e os idosos.

Tanto Lusardi *et al.* (2014) como Clark, Lusardi e Mitchell (2015) constataram que ao aumentar a idade do indivíduo, o número de respostas corretas tende a aumentar também, assim como diminuir a escolha pela alternativa “não sei” das questões. Finke, Howe e Huston (2011) desenvolveram uma medida multidimensional da alfabetização financeira para os idosos e confirmaram que, apesar de alfabetização financeira real declinar com a idade, a confiança dos mesmos em suas próprias habilidades na tomada de decisões financeiras, aumenta.

Assim, a alfabetização financeira tende a ser menor entre os mais jovens e mais velhos, tendo como níveis maiores aqueles que estão no seu ciclo de vida intermediário (Lusardi, 2015a). De acordo com Almenberg e Sävje-Söderbergh (2011), o padrão é consistente com o conhecimento cada vez maior dado o aumento da experiência e decadente em idades mais avançadas, tornando-se preocupante, uma vez que as pessoas devem tomar inúmeras decisões financeiras na fase final da sua vida. Finke, Howe e Huston (2011), atribuíram menores níveis de alfabetização financeira às pessoas mais velhas, devido a um declínio nos processos cognitivos associados à velhice.

2.1.3 Estado civil

O estado civil também apresenta relação com o nível de alfabetização financeira, onde os solteiros têm propensão significativa a menores níveis de alfabetização financeira, se comparados aos indivíduos casados (Research, 2003; Calamato, 2010; Brown; Graf, 2013; Bucher-Koenen *et al.*, 2014). Um achado diferente no que tange ao estado civil é que o fato do indivíduo ser viúvo impacta positivamente em ele responder corretamente as questões de alfabetização financeira, conforme constataram Lusardi e Mitchell (2011). Contrariamente aos achados de Bucher-Koenen *et al.* (2014), os quais averiguaram que as viúvas mostram níveis muito baixos de alfabetização financeira. A combinação do gênero feminino com estado civil apresenta níveis ainda mais baixos de alfabetização financeira, ou seja, as mulheres solteiras e viúvas.

Além disso, Bucher-Koenen *et al.* (2014) detectaram que os casados, seguidos dos separados, são os que apresentam os maiores níveis de alfabetização financeira, já os homens viúvos são os que mais responderam não saber a pelo menos uma das questões propostas. Os maiores níveis de alfabetização financeira encontrado entre os casados se justificam segundo Dew (2008) e Calamato (2010) pela preocupação

que esses indivíduos tem de que as dívidas podem colocar em risco o bem-estar de seus relacionamentos. Ratificando tal evidência, Dew (2008) constatou que a dívida do consumidor representa uma grande ameaça para a satisfação conjugal.

2.1.4 *Possuir dependentes*

Em se tratando da relação existente entre possuir dependentes e a alfabetização financeira, percebe-se que indivíduos com dependentes teriam maior preocupação com o orçamento e, dessa forma, maior nível de alfabetização financeira. Os resultados empíricos, no entanto, não corroboram essa expectativa. Mottola (2013) detectou que famílias com dependentes foram mais propensas a possuírem baixos níveis de alfabetização financeira e também a se envolverem em comportamentos de cartão de crédito mais caros. Outro estudo realizado por Scheresberg (2013) também averiguou que os indivíduos que possuem dependentes, seja um ou dois, são menos propensos a responderem corretamente as questões de inflação e risco em comparação aos que não possuem dependentes.

Ainda que um menor número de estudos aborde esta relação, pode-se notar que ela é significativa para as diferenças nos níveis de alfabetização financeira, sendo aqueles possuidores de dependentes os que apresentam menores níveis. Uma possível explicação para esses resultados repousa na causalidade reversa. Conforme afirma Mottola (2013), os indivíduos com alto (baixo) nível de alfabetização financeira são mais (menos) preocupados com o planejamento familiar. Além de ser justificado pela indicação das tensões financeiras gerais que acompanham a criação dos filhos.

2.1.5 *Nível de escolaridade e nível de escolaridade dos pais*

Outra variável relacionada à alfabetização financeira é o nível de escolaridade, onde baixos níveis de educação estão intimamente ligados aos baixos níveis de alfabetização financeira (Messy, Monticone, 2016). Disney e Gathergood (2011), verificaram que as pessoas que possuem um nível maior de alfabetização financeira tendem a assumir dívidas com menores custos. Já no universo brasileiro, Lucci *et al.* (2011) averiguaram que o nível dos conceitos financeiros é diretamente proporcional ao nível de alfabetização financeira. Nesse sentido olhando para os dados do Finra (2013), Lusardi (2015a) verificou que a alfabetização financeira varia muito entre os grupos de educação, sendo que a maioria das pessoas sem um diploma universitário não sabe a resposta ou responde incorretamente à pergunta sobre diversificação de risco. De forma similar, Lusardi *et al.* (2014) detectou que ao aumentar o nível de escolaridade do indivíduo, o número de respostas corretas tende a aumentar, assim

como diminui a escolha pela alternativa “não sei” das questões.

Além da escolaridade do indivíduo possuir relação com a alfabetização financeira, a literatura também aponta para diferenças por motivos familiares, pois, sugere que os pais desempenham um papel importante ao influenciar o comportamento de consumo de seus filhos. Segundo Mandell (2007), a alfabetização financeira dos indivíduos é uniformemente relacionada com os níveis de educação de seus pais. Por estes motivos, a escolaridade dos pais possuiria um papel importante na alfabetização dos filhos, visto que, segundo a literatura, a alfabetização financeira é significativamente correlacionada de forma positiva com a educação parental (em particular, a de suas mães).

Possíveis justificativas são discutidas por Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015), que apontam dois principais canais pelos quais as experiências da infância influenciam a alfabetização financeira, o canal da família e do canal de escolaridade. Em primeiro lugar, eles encontraram que a socialização financeira por parte dos pais tem uma influência positiva sobre a alfabetização financeira. Em segundo lugar, a escolaridade influencia a alfabetização financeira indiretamente, ao aumentar o conhecimento básico de cálculos matemáticos. Similarmente, Brown e Taylor (2016) afirmam que os pais que possuem certo grau de alfabetização financeira podem tentar transmitir essas habilidades aos seus descendentes, a fim de equipá-los com habilidades de gestão financeira para o futuro.

2.1.6 Ocupação

Muitos estudos constataram que a ocupação é também um determinante da alfabetização financeira. Chen e Volpe (1998) concluíram que indivíduos com maior tempo de serviço passam por mais experiências financeiras e por esse motivo adquirem maiores conhecimentos, facilitando, assim, a análise de informações mais complexas e fornecendo embasamento para a tomada de decisão. Por outro lado, segundo Research (2003), trabalhadores com baixa qualificação ou desempregados tendem a apresentar desempenho inferior devido ao menor contato com questões financeiras.

Além disso, o analfabetismo financeiro está associado ao baixo desempenho no trabalho e a produtividade dos funcionários (Kim; Garman, 2004). O regime de trabalho também pode influenciar as atitudes e comportamentos financeiros, tendo em vista que indivíduos com renda estável possuem melhores condições de organizar e planejar sua vida financeira (Calamato, 2010). De acordo com Lusardi e Mitchell (2011) e Lusardi *et al.* (2014), aqueles que não estão empregados respondem muito pior as três perguntas do que os que estão trabalhando. Portanto, a alfabetização financeira é maior entre aqueles que estão trabalhando em comparação com

aqueles que não trabalham. Esta diferença pode, em parte, ser decorrente de programas de educação financeira oferecidos no local de trabalho; além ser oriunda das competências adquiridas no trabalho (Kyle, 2014).

2.1.7 Faixa de renda média mensal própria e familiar

Verificando a relação existente entre o nível de renda e a alfabetização financeira, a maioria dos estudos evidencia que aumentar o nível de renda, tanto própria, quanto familiar, aumenta também o nível de alfabetização financeira (Monticone, 2010; Lusardi; Mitchell, 2011; Atkinson; Messy, 2012; Scheresberg, 2013; Gerrans; Heaney, 2014; Lusardi *et al.*, 2014; Clark; Lusardi; Mitchell, 2015; Grohmann; Kouwenberg; Menkhoff, 2015; Salleh, 2015). Semelhantemente Scheresberg (2013) e Lusardi *et al.* (2014) detectaram que a alfabetização financeira aumenta acentuadamente com o nível de renda, enquanto a opção “não sei” declina, quando se considera os níveis mais altos de renda.

Enquanto isso, Bottazzi, Jappelli e Padula (2011) estimam um modelo intertemporal de investimento em educação financeira, onde mostram que a alfabetização financeira e a riqueza são conjuntamente determinadas e correlacionadas ao longo do ciclo de vida. Assim como os achados de Grohmann, Kouwenberg e Menkhoff (2015) em que os rendimentos mais elevados estão fortemente relacionados com uma maior alfabetização financeira dos indivíduos.

O perfil de renda dos indivíduos está diretamente relacionado com o nível de alfabetização financeira. Possíveis justificativas para estes achados são encontradas por Atkinson e Messy (2012), que descobriram que os baixos níveis de renda estão associados com menores níveis de alfabetização financeira, na medida em que indivíduos de baixa renda podem enfrentar maiores dificuldades no acesso à educação. Ademais, indivíduos com baixa renda são mais propensos a abandonarem a escola, que, em longo prazo, contribui para o seu analfabetismo financeiro (Calamato, 2010). Também há a possibilidade de causalidade reversa: indivíduos com alto nível de alfabetização financeira, ao tomarem melhores decisões financeiras, obtém maior nível de renda do que indivíduos com baixo nível de alfabetização financeira.

3 | SÍNTESE DAS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS

A partir da análise dos diferentes estudos, buscou-se construir uma síntese das evidências empíricas obtidas para cada uma das variáveis socioeconômicas e demográficas analisadas. O Quadro 1 apresenta para cada variável as relações encontradas com a alfabetização financeira e os respectivos autores.

Variáveis	Relação com a alfabetização financeira	Autores
Gênero	<ul style="list-style-type: none"> - As mulheres apresentam menores índices de alfabetização financeira do que os homens; - As mulheres são menos propensas a responder às perguntas corretamente e mais propensas a dizer que não sabem a resposta; - Fazendo um comparativo entre mulheres, aquelas casadas e com renda mais alta possuem melhores níveis de alfabetização financeira. 	<p>Chen & Volpe (1998); Agarwal <i>et al.</i> (2009); Lusardi & Mitchell (2011); Atkinson & Messy (2012); Lusardi & Wallace (2013); Brown & Graf (2013); Mottola (2013); Scheresberg (2013); Gerrans & Heaney (2014); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Sarigül (2014); Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014); Lusardi (2015a); Messy & Monticone (2016).</p>
Idade	<ul style="list-style-type: none"> - A alfabetização financeira é baixa entre os mais jovens e mais velhos. - A idade média de 30 a 40 anos está associada com os maiores índices de alfabetização financeira. - Jovens adultos têm utilizado empréstimos com altos custos. 	<p>Chen & Volpe (1998); Research (2003); Agarwal <i>et al.</i> (2009); Lusardi & Mitchell (2011); Atkinson & Messy (2012); Scheresberg (2013); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014); Clark, Lusardi & Mitchell (2015).</p>
Estado civil	<ul style="list-style-type: none"> - Os solteiros são significativamente mais propensos a ter menores níveis de alfabetização financeira do que os casados, além de responderem mais que não sabem a resposta. 	<p>Research (2003); Dew (2008); Calamato (2010); Lusardi & Mitchell (2011); Brown & Graf (2013); Bucher-Koenen <i>et al.</i> (2014).</p>
Possuir Dependentes	<ul style="list-style-type: none"> - Indivíduos com uma criança são menos suscetíveis a apresentarem níveis baixos de alfabetização financeira do que aqueles com duas ou três crianças; - Famílias com dependentes são mais propensas a contratarem crédito com custos mais elevados. 	<p>Servon & Kaestner (2008); Scheresberg (2013); Mottola (2013).</p>
Ocupação	<ul style="list-style-type: none"> - Os indivíduos que possuem uma ocupação tendem a possuir um número de respostas corretas maiores do que aqueles sem ocupação, assim como diminui a escolha pela alternativa “não sei” quando o indivíduo possui uma ocupação. 	<p>Chen & Volpe (1998); Research (2003); Kim & Garman (2004); Calamato (2010); Lusardi & Mitchell (2011); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Sarigül (2014).</p>
Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> - Aqueles com maiores níveis de escolaridade são os que possuem maiores níveis de alfabetização financeira; - O número de disciplinas ligadas à área financeira cursadas na graduação está relacionado ao nível de alfabetização financeira. - Aqueles com menor nível educacional são menos propensos a responder às perguntas corretamente e mais propensos a dizer que não sabem a resposta. 	<p>Chen & Volpe (1998); Research (2003); Amadeu (2009); Monticone (2010); Lusardi & Mitchell (2011); Atkinson e Messy (2012); Scheresberg (2013); Lusardi <i>et al.</i> (2014).</p>
Escolaridade dos pais	<ul style="list-style-type: none"> - Os pais influenciam a alfabetização dos seus filhos; - A alfabetização financeira dos indivíduos é uniformemente relacionada com os níveis de educação de seus pais; - Os pais desempenham um papel importante ao influenciar o comportamento de consumo de seus filhos; - Os indivíduos aprendem mais sobre gestão do dinheiro com os pais. 	<p>Pinto <i>et al.</i> (2005); Clarke <i>et al.</i> (2005); Jorgensen (2007); Mandell (2007).</p>

<p>Renda</p>	<p>- Baixos níveis de renda estão associados a baixos níveis de alfabetização financeira. - A alfabetização financeira aumenta com o nível de renda, enquanto a opção “não sei” declina, quando se considera os níveis mais altos de renda.</p>	<p>Chen & Volpe (1998); Research (2003); Monticone (2010); Lusardi & Mitchell (2011); Atkinson & Messy (2012); Scheresberg (2013); Gerrans & Heaney (2014); Lusardi <i>et al.</i> (2014); Salleh (2015); Grohmann, Kouwenberg & Menkhoff (2015); Clark, Lusardi & Mitchell (2015).</p>
---------------------	---	--

Quadro 1 – Síntese das relações entre as variáveis socioeconômicas e demográficas e a alfabetização financeira.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

Os resultados indicaram algumas divergências nas evidências empíricas, mas observa-se que para a maioria das variáveis a maior parte dos estudos realizados em diferentes regiões e países, com diferentes grupos, apresentam resultados congruentes. Constata-se ainda que para uma mesma variável, foi possível identificar diferentes dimensões e ou perfis analisados o que amplia o leque de informações disponíveis sobre o impacto de cada variável na alfabetização financeira.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização financeira tornou-se um elemento importante de estabilidade econômica e financeira, tanto para o indivíduo, como para a economia. Além de ser um componente essencial para uma vida adulta bem sucedida, uma vez que a aprendizagem das finanças desempenha um papel central na formação de atitudes e comportamentos responsáveis no que tange à administração das finanças pessoais. No entanto, as evidências indicam que a alfabetização financeira é um fenômeno complexo e que pode ser determinante de outros fatores comportamentais, além de apresentar-se de maneira distinta em diferentes perfis socioeconômicos e demográficos.

A partir de uma ampla revisão de literatura, esse estudo buscou levantar as relações da alfabetização financeira com as variáveis socioeconômicas e demográficas. Os resultados apontaram para o importante papel destas variáveis no contexto da alfabetização financeira. Qualquer iniciativa governamental ou privada que busque melhorar o nível de alfabetização financeira, seja de grupos específicos ou da população como um todo, precisa levar em consideração tais impactos.

Em termos governamentais, o Brasil teve a iniciativa de criar a Estratégia Nacional de Educação Financeira-ENEF, que busca alternativas para a ampliação do nível de alfabetização da população. E, mais recentemente, a educação financeira passou a fazer parte de forma mais concreta da política pública educacional ao ser incluída na Base Nacional Comum Curricular como um dos temas contemporâneos.

Tais iniciativas vão ao encontro do que sugerem a OECD e o Banco Mundial.

A OECD (2016) sugere como uma das medidas para minimizar os efeitos dos baixos níveis de alfabetização financeira que as escolas também possam ajudar as crianças e jovens a desenvolver as habilidades e atitudes que os ajudarão neste processo, incentivando hábitos e comportamentos positivos, como fazer um plano de gastos, economizar e planejar com antecedência. Assim como o Relatório do Banco Mundial (2014) corrobora que a falta de conhecimento financeiro pode ser uma grande barreira para o acesso financeiro entre os pobres, apontando a educação financeira como a melhor opção política para melhorar o acesso dos indivíduos de baixa renda ao financiamento (WORLD BANK, 2014).

No âmbito privado, diferentes agentes e instituições financeiras terão a oportunidade de usufruir destas informações a fim de conhecer melhor a alfabetização financeira de seus clientes e construir produtos mais adaptados a cada perfil socioeconômico e demográfico, a fim de adequar seus produtos, serviços ou operações ao perfil de cada cliente (“Processo de *Suitability*”). Uma vez que o analfabetismo financeiro, não leva o indivíduo apenas ao sobreendividamento e à inadimplência, traz consequências como a marginalização e exclusão social e doenças físicas e mentais, que no futuro podem além de agravar o nível de inadimplência no país, aumentar os gastos para atendimento psicológicos e de saúde pública. Portanto, é urgente o desenvolvimento de estratégias para ampliar os níveis de alfabetização financeira e, conseqüentemente, melhorar o bem-estar e a cidadania financeira da população.

REFERÊNCIAS

AGARWAL, Sumit et al. The age of reason: Financial decisions over the lifecycle. 2007.

AGNEW, Julie; BATEMAN, Hazel; THORP, Susan. Financial Literacy and Retirement Planning in Australian. 2012.

AGNEW, Steve; HARRISON, Neil. Financial literacy and student attitudes to debt: A cross national study examining the influence of gender on personal finance concepts. **Journal of Retailing and Consumer Services**, v. 25, p. 122-129, 2015.

ALLEN, Myria Watkins et al. Imagined interactions, family money management patterns and coalitions, and attitudes toward money and credit. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 28, n. 1, p. 3-22, 2007.

ALLGOOD, Sam; WALSTAD, William B. The effects of perceived and actual financial literacy on financial behaviors. **Economic inquiry**, v. 54, n. 1, p. 675-697, 2016.

ALMENBERG, Johan; SÄVE-SÖDERBERGH, Jenny. Financial literacy and retirement planning in Sweden. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 4, p. 585-598, 2011.

ALSEMGEEST, Liezel. Arguments for and against financial literacy education: where to go from

here?. **International Journal of Consumer Studies**, v. 39, n. 2, p. 155-161, 2015.

AMADEU, João Ricardo et al. A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular. 2009.

ARRONDEL, Luc; DEBBICH, Majdi; SAVIGNAC, Frédérique. Financial literacy and financial planning in France. **Numeracy**, v. 6, n. 2, p. 8, 2013.

ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. Measuring financial literacy. 2012.

BANK, A. N. Z. ANZ survey of adult financial literacy in Australia. **Accessed March**, v. 11, p. 2009, 2008.

BOTTAZZI, Renata; JAPPELLI, Tullio; PADULA, Mario. The portfolio effect of pension reforms: evidence from Italy. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 1, p. 75-97, 2011.

BROWN, Martin; GRAF, Roman. Financial literacy and retirement planning in Switzerland. **Numeracy**, v. 6, n. 2, p. 6, 2013.

BROWN, Sarah; TAYLOR, Karl. Early influences on saving behaviour: Analysis of British panel data. **Journal of Banking & Finance**, v. 62, p. 1-14, 2016.

BUCHER-KOENEN, Tabea et al. How financially literate are women? An overview and new insights. **Journal of Consumer Affairs**, v. 51, n. 2, p. 255-283, 2017.

CALAMATO, Maria Paula. **Learning financial literacy in the family**. San Jose State University, 2010.

CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial services review**, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.

CLARK, Robert L.; LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. Employee financial literacy and retirement behavior: A case study. 2015.

CONGER, Rand D. et al. Linking economic hardship to marital quality and instability. **Journal of Marriage and the Family**, p. 643-656, 1990.

CROSSAN, Diana; FESLIER, David; HURNARD, Roger. Financial literacy and retirement planning in New Zealand. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 4, p. 619-635, 2011.

DELAVANDE, Adeline; ROHWEDDER, Susann; WILLIS, Robert J. Preparation for retirement, financial literacy and cognitive resources. 2008.

DEW, Jeffrey. Debt change and marital satisfaction change in recently married couples. **Family Relations**, v. 57, n. 1, p. 60-71, 2008.

DISNEY, Richard; GATHERGOOD, John. Financial literacy and indebtedness: new evidence for UK consumers. **The University of Nottingham**, 2011.

FINKE, Michael S.; HOWE, John S.; HUSTON, Sandra J. Old age and the decline in financial literacy. **Management Science**, v. 63, n. 1, p. 213-230, 2016.

FINRA, IEF. Financial capability in the United States: Report of findings from the 2012 national financial capability study. 2013.

FORNERO, Elsa; MONTICONE, Chiara. Financial literacy and pension plan participation in

Italy. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 4, p. 547-564, 2011.

GERARDI, Kristopher. **Financial literacy and subprime mortgage delinquency: Evidence from a survey matched to administrative data**. DIANE Publishing, 2010.

GERRANS, Paul; HEANEY, Richard. The Role of Undergraduate Personal Finance Education in Financial Literacy, Financial Attitudes and Financial Behaviours. 2014.

HUNG, Angela; PARKER, Andrew M.; YOONG, Joanne. Defining and measuring financial literacy. 2009.

HUSTON, Sandra J. Measuring financial literacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

JORGENSEN, Bryce L. **Financial literacy of college students: Parental and peer influences**. 2007. Tese de Doutorado. Virginia Tech.

KIM, Jinhee; GARMAN, E. Thomas. Financial stress, pay satisfaction and workplace performance. **Compensation & Benefits Review**, v. 36, n. 1, p. 69-76, 2004.

KYLE, Le. **How financial literacy impacts on KiwiSaver decisions?**. 2014. Tese de Doutorado. Auckland University of Technology.

LUCCI, Cintia Retz et al. A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

LUSARDI, Annamaria. Financial literacy: Do people know the ABCs of finance?. **Public understanding of science**, v. 24, n. 3, p. 260-271, 2015a.

LUSARDI, Annamaria. Financial literacy skills for the 21st century: Evidence from PISA. **Journal of consumer affairs**, v. 49, n. 3, p. 639-659, 2015b.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. **How ordinary consumers make complex economic decisions: Financial literacy and retirement readiness**. National Bureau of Economic Research, 2009.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. Financial literacy and retirement planning in the United States. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 4, p. 509-525, 2011.

LUSARDI, Annamaria; MITCHELL, Olivia S. The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. **Journal of economic literature**, v. 52, n. 1, p. 5-44, 2014.

LUSARDI, Annamaria et al. Visual tools and narratives: New ways to improve financial literacy. **NBER Working Paper** n. 20229, 2014.

LUSARDI, Annamaria; TUFANO, Peter. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. **National Bureau of Economic Research**, Cambridge, 2009.

LUSARDI, Annamaria; WALLACE, Dorothy. Financial literacy and quantitative reasoning in the high school and college classroom. **Numeracy**, v. 6, n. 2, p. 1, 2013.

MAHDAVI, Mahnaz; HORTON, Nicholas J. Financial knowledge among educated women: Room for improvement. **Journal of Consumer Affairs**, v. 48, n. 2, p. 403-417, 2014.

MANDELL, Lewis. Financial literacy of high school students. In: **Handbook of consumer finance**

research. New York: Springer, 2007.

MARCOLIN, Sonia; ABRAHAM, Anne. Financial literacy research: Current literature and future opportunities. 2006.

MESSY, Flore-Anne; MONTICONE, Chiara. Financial education policies in Asia and the Pacific. 2016.

MILLER, Margaret et al. Can you help someone become financially capable? a meta-analysis of the literature. 2014.

MONTICONE, Chiara. How much does wealth matter in the acquisition of financial literacy?. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 403-422, 2010.

MOTTOLA, Gary R. In our best interest: Women, financial literacy, and credit card behavior. **Numeracy**, v. 6, n. 2, p. 4, 2013.

MUNDY, Shaun. Financial education programmes in schools: Analysis of selected current programmes and literature-draft recommendations for best practices. **OECD Journal: General Papers**, v. 8, n. 3, p. 53-127, 2009.

NORVILITIS, Jill M.; MACLEAN, Michael G. The role of parents in college students' financial behaviors and attitudes. **Journal of economic psychology**, v. 31, n. 1, p. 55-63, 2010.

OPLETALOVÁ, Alena. Financial education and financial literacy in the Czech education system. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 171, p. 1176-1184, 2015.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **PISA 2012 Assessment and Analytical Framework: Mathematics, Reading, Science, Problem Solving and Financial Literacy**. OECD Publishing, 2013a.

_____. **Financial literacy and inclusion: Results of OECD/INFE survey across countries and by gender**. OECD Publishing, 2013b.

_____. **Women and Financial Education: Evidence, Policy Responses and Guidance**. OECD Publishing, 2013c

_____. **2015 OECD/INFE Toolkit for Measuring Financial Literacy and Financial Inclusion**. OECD Publishing, 2015a.

_____. **PISA 2012 assessment and analytical framework: mathematics, reading, science, problem solving and financial literacy**. OECD Publishing, 2015b.

_____. **The ABC of Gender Equality in Education: Aptitude, Behaviour, Confidence, PISA**. OECD Publishing, 2015c.

_____. **OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies**. OECD Publishing, 2016.

PIETRAS, Gelson. Uma abordagem sobre matemática financeira e educação financeira no ensino médio. 2014.

PINTO, Mary Beth; PARENTE, Diane H.; MANSFIELD, Phylis M. Information learned from socialization agents: Its relationship to credit card use. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 33, n. 4, p. 357-367, 2005.

POTRICH, Ani Caroline Grigion; VIEIRA, Kelmara Mendes; KIRCH,Guilherme. Você é alfabetizado

financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. **Revista Base (Administração e Contabilidade) da UNISINOS**, v. 13, n. 2, 2016.

PROCHASKA-CUE, Kathy. An exploratory study for a model of personal financial management style. **Financial Counseling and Planning**, v. 4, n. 111-134, 1993.

REMUND, David L. Financial literacy explicated: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **Journal of consumer affairs**, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.

RESEARCH, R. M. **ANZ survey of adult financial literacy in Australia**, 2003.

SALLEH, Ak Md Hasnol Alwee Pg Md. A comparison on financial literacy between welfare recipients and non-welfare recipients in Brunei. **International Journal of Social Economics**, v. 42, n. 7, p. 598-613, 2015.

SCHERESBERG, Carlo de Bassa. Financial literacy and financial behavior among young adults: Evidence and implications. **Numeracy**, v. 6, n. 2, p. 5, 2013.

SCHMEISER, Maximilian D.; SELIGMAN, Jason S. Using the right yardstick: Assessing financial literacy measures by way of financial well-being. **Journal of consumer affairs**, v. 47, n. 2, p. 243-262, 2013.

SEKITA, Shizuka. Financial literacy and retirement planning in Japan. **Journal of Pension Economics & Finance**, v. 10, n. 4, p. 637-656, 2011.

SERVON, Lisa J.; KAESTNER, Robert. Consumer financial literacy and the impact of online banking on the financial behavior of lower-income bank customers. **Journal of Consumer Affairs**, v. 42, n. 2, p. 271-305, 2008.

SHOCKEY, Susan Smith. **Low-wealth adults' financial literacy, money management behaviors, and associated factors, including critical thinking**. 2002. Tese de Doutorado. The Ohio State University.

SWAMY, Vighneswara. Financial inclusion, gender dimension, and economic impact on poor households. **World development**, v. 56, p. 1-15, 2014.

THALER, Richard H. Financial literacy, beyond the classroom. **The New York Times**, 2013.

XIAO, Jing Jian et al. Antecedents and consequences of risky credit behavior among college students: Application and extension of the theory of planned behavior. **Journal of Public Policy & Marketing**, v. 30, n. 2, p. 239-245, 2011.

WORLD BANK. **Global Financial Development Report: Financial Inclusion**. Report, 2014.

YOONG, Joanne. Financial illiteracy and stock market participation: Evidence from the RAND American Life Panel. **Financial literacy: Implications for retirement security and the financial marketplace**, v. 76, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ajuste de Avaliação Patrimonial 124, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 138, 139
Alfabetização financeira 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58
Análise Bibliométrica 346, 352, 355, 358
Análise dos Componentes Principais 259, 261, 262, 304, 319, 320
Análise fatorial confirmatória 259, 265, 323, 325, 326, 327, 342
Aprendizagem Gerencial 100, 103, 104, 106, 115, 119, 120

B

Biblioteconomia 271, 279, 288

C

Capacitação Gerencial 100, 102, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121
Capital intelectual 146, 153, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 216, 217, 268
Capitalismo 15, 17, 18, 21, 22, 32, 34, 35, 196
Compartilhamento do conhecimento 250, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267
Competencias 290, 292, 296, 299, 300, 301, 302, 303
Competências Gerenciais 100, 102, 103, 106, 108, 109, 113, 116, 118, 121, 123
Competitividade 3, 5, 68, 70, 72, 76, 77, 80, 84, 85, 193, 196, 197, 198, 200, 201
Comunicação mercadológica 193, 197, 198, 201, 202
Conhecimento 15, 16, 20, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 54, 59, 60, 62, 64, 65, 72, 80, 83, 84, 86, 97, 103, 104, 106, 109, 114, 115, 118, 119, 142, 144, 145, 146, 150, 152, 153, 183, 185, 204, 205, 206, 207, 209, 211, 212, 213, 217, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 272, 276, 291, 314, 323, 324, 326, 327, 328, 329, 333, 341, 342, 346, 352, 355, 364
Conservadorismo 184, 218, 223, 226, 227, 230, 232, 237, 338
Construção de teoria 323
Contabilidade 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 58, 176, 204, 206, 221, 225, 226, 232, 233, 234, 236, 237, 238, 304, 306, 314, 319, 320, 324, 348
Cultura organizacional 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 106, 112, 113, 116, 194

D

Descontrole financeiro 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66
Desenvolvimento Gerencial 100, 111, 116, 117, 119
Dimensões de análise 177, 178, 188

E

Educação Corporativa 142, 143, 146, 147, 150, 152, 153

Efeito Heterogeneidade 155, 162, 169, 171, 172, 174, 175

Efeito Manada 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 176

Ensino 26, 27, 28, 35, 38, 57, 59, 63, 89, 90, 96, 97, 100, 106, 115, 121, 123, 142, 151, 259, 266, 269, 272, 274, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 288, 289, 305, 309, 310, 311, 321, 322, 324, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 367, 368, 369

Era Moderna 15, 18, 21

Escalas de mensuração 323, 324, 325, 327, 329, 332, 341

Estado 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 32, 35, 36, 37, 38, 46, 48, 52, 59, 88, 89, 101, 107, 163, 164, 198, 204, 255, 269, 273, 274, 279, 288, 295, 296, 302, 321, 330, 337

F

Fatores de Decisão 304, 306, 319, 320

Filtro de Kalman 155, 163, 164, 168, 171

Finanças 17, 37, 38, 42, 43, 44, 46, 53, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 128, 140, 155, 156, 176, 233, 234, 238, 306

G

Gestão 17, 19, 42, 45, 50, 52, 59, 68, 69, 70, 71, 72, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 142, 144, 145, 146, 150, 151, 153, 156, 160, 176, 178, 179, 181, 190, 193, 194, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 212, 213, 217, 220, 229, 230, 232, 234, 237, 252, 253, 254, 269, 273, 277, 279, 288, 291, 321, 342, 344, 347

Gestão estratégica de inovação 68

Globalização 2, 35, 85, 107, 193, 194, 195, 196, 200, 202, 203

Graduação 37, 39, 52, 59, 102, 110, 118, 140, 177, 204, 233, 234, 259, 272, 279, 281, 304, 305, 306, 309, 311, 312, 319, 320, 321, 324, 346, 358, 366, 367, 370

H

História 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 34, 37, 38, 115, 144, 151, 180, 194, 204, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369

I

Índice 4, 19, 77, 125, 126, 127, 128, 133, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 175, 196, 209, 210, 218, 220, 221, 231, 238, 243, 260, 261, 262, 263, 334

Innovación 290, 291, 292, 294, 295, 302, 303

Inovação tecnológica 68, 69, 71, 72, 74, 86

Instituições Federais de Ensino Superior 100

L

Liderança 68, 72, 82, 83, 84, 86, 106, 113, 114, 115, 142, 143, 147

M

Métodos quantitativos 63, 323

N

Negócios 16, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 35, 74, 76, 78, 79, 86, 122, 146, 187, 190, 193, 196, 197, 200, 201, 209, 213, 277, 288

P

P/B 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139

Perspectiva Neuro-IS 346, 349, 350, 352, 354, 356

Pierre Bourdieu 239, 240, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249

Planejamento de Carreira 304, 305, 306, 309, 310, 311, 312, 314, 320, 321, 322

Price-to-book 124, 125

Processo decisório estratégico 177, 178, 184, 186, 188, 189

Provisões para Contingências 124, 125, 126, 128, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139

Q

Qualidade da auditoria 218, 219, 220, 221, 225, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 237

Qualidade da informação contábil 218, 220, 230, 232, 237

R

Responsabilidade Sócio Ambiental 143

Revista Brasileira de Ciências Sociais 239, 242

S

Sistema 15, 19, 21, 22, 24, 25, 27, 30, 33, 35, 37, 83, 94, 105, 108, 128, 146, 165, 179, 180, 183, 185, 186, 187, 196, 197, 199, 205, 208, 209, 210, 213, 219, 267, 272, 274, 276, 279, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 342, 348, 349

Sistemas de Informação 22, 209, 213, 276, 346, 347, 349, 355

T

Teoria 37, 66, 70, 94, 122, 135, 139, 155, 156, 160, 175, 179, 180, 181, 192, 199, 224, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 252, 254, 255, 256, 259, 314, 315, 319, 320, 323, 324, 325, 326, 327, 329, 334, 335, 336, 337, 340, 341, 342

Terceira linguagem 193, 197, 198

Trabajo en Equipo 290, 293, 294, 295, 296, 297, 300, 301, 302

Transculturalidade 193, 202

U

Universidad 269, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 299, 300, 302, 303

V

Validação de escalas 323, 325, 328, 329, 337, 340, 341, 342

Variáveis demográficas 40

Variáveis socioeconômicas 39, 40, 41, 46, 51, 53

 **Atena**
Editora

2 0 2 0